

A minha primeira festa de BDSM

A minha primeira festa de BDSM

Uma memória daquelas que deixa marcas para toda a vida

A Etnógrafa

© A Etnógrafa, 2026

etnografa.pt | Instagram: @a.etnografa

a.etnografa@gmail.com

Título: A minha primeira festa de BDSM

Autoria: A Etnógrafa

Capa: fotografia da autora com tratamento artístico e composição digital

Todos os direitos reservados

1ª edição: junho de 2026

3ª edição: julho de 2026

ISBN: 978-940-392-113-6

Impressão: Bookmundo

Aviso sobre o conteúdo

Este livro contém descrições explícitas de sexualidade e práticas de BDSM (BD - Bondage e Disciplina, DS - Dominação e Submissão, SM - Sadismo e Masoquismo). Não recomendado para menores de 18 anos.

*Para todos aqueles que observam de fora,
e para os que um dia decidiram entrar...*

Capítulo 1

A antecipação

A minha primeira festa de BDSM começou antes sequer de eu pôr um pé na casa. Para mim, o verdadeiro início foi no grupo online criado para quem ia participar. Um espaço onde a maioria, que já se considera uma família, e os novos elementos, convidados por algum elemento do grupo, se espiava pelas entrelinhas das mensagens, onde homens e mulheres experientes falavam com naturalidade das suas dinâmicas, e onde outros, como eu, ainda baunilha por fora, mas inquieta por dentro, tentavam perceber como respirar num território carregado de promessa e de risco. Foi ali, muito antes das amarras e dos toques, que surgiu a antecipação: a imaginação a abrir caminho para o corpo.

Conforme ia lendo as mensagens, fosse de preparação desta festa ou referências a festas anteriores, a minha imaginação ia construindo meia dúzia de possíveis cenários. Era curioso perce-

ber como o corpo conseguia reagir a uma festa que ainda só existia no ecrã do telemóvel.

Quem me conhece, sabe como sou distraída, mas ali, naquele grupo online que podia muito bem decidir o rumo da minha primeira festa, mantive-me desperta como se cada notificação fosse um convite implícito. Queria perceber quem eram, mas queria sobretudo dar-me a conhecer, permitindo que sentissem a minha energia, o meu tom, o meu desejo de explorar. Sem dar por isso, tornei-me a “rapariga dos resumos”, aquela que, antes de ser amarrada, já estava a amarrar conversas.

Por vezes, um tema prende-me de tal forma que entro em modo de hiperfoco. Quero perceber tudo, ligar conversas, recordar detalhes, encontrar padrões. A preparação desta festa foi um desses momentos. E isso, mais do que qualquer alcunha ou nome com que me apresentasse, ajudou-me a entrar na festa com uma identidade própria: alguém que observa, que organiza, que brinca, que provoca pela forma como transforma o quotidiano numa porta entreaberta para o que está por vir.

Eu e o meu padrinho deste meio, chegámos a meio da tarde, ainda com a luz do dia a tocar as paredes da casa onde a noite prometia transformar tudo. A festa só começaria horas depois, mas já se sentia no ar aquele murmúrio antecipado, um calor subtil que não era devido ao clima.

Não fomos os primeiros. Havia rostos e vozes na sala de convívio, localizada no piso de cima, sorrisos que eu reconheci de fotografias partilhadas online, olhares de quem já tinha trocado comigo mensagens, pequenos desafios, brincadeiras e provocações. Entrei ao lado do meu padrinho neste universo, o homem que me guiava com mão firme e olhar quente, alguém com quem

já partilhava cumplicidades que não se explicam, apenas se sentem. Senti-me segura e estranha ao mesmo tempo, como se a porta da casa fosse também um limiar no qual eu deixava para trás a baunilha hesitante, para me tornar, aos poucos, na submissa que ele me via ser.

Curiosamente, o nervosismo não se manifestava como eu imaginara. Não tinha vontade de fugir nem de dar meia-volta e ir embora. O que sentia era uma espécie de adrenalina, como antes de subir a um palco ou iniciar uma viagem importante. As mãos estavam frias, mas a curiosidade sobrepunha-se ao receio.

Pousámos as malas no quarto que nos fora destinado para descansar, embora ambos soubéssemos que o descanso não era a prioridade dessa noite. O meu padrinho levou-me pelos corredores, mostrou-me os espaços, os objectos, os pormenores que deviam preparar a minha imaginação para o que se seguiria. Confesso que fixei muito pouca coisa. A minha atenção estava presa na promessa, na antecipação. Mais tarde, apercebi-me de quantos detalhes me escaparam, mas em vez de frustração, isso deu-me apenas um pretexto delicioso para regressar.

O salão da festa estava, por enquanto, dedicado ao jantar. Para a minha imaginação, era estranho e excitante observar e antecipar aquele espaço temporariamente domesticado. Mesas longas, bancos corridos, o vermelho denso das toalhas a rasgar o preto das paredes e dos pratos, o dourado dos talheres a brilhar como pequenos avisos. Sabia que, horas depois, aquele mesmo salão iria mudar a sua pele, que o cheiro da comida daria lugar ao som de chicotadas, que as mesas dariam espaço a cordas, aço, pele, voz. Fiquei alguns segundos a tentar sobrepor mentalmente as imagens que tinha visto em fotografias. Parecia estar a olhar para um palco antes de levantar o pano e essa antecipação deixava-me

com a respiração mais curta, pois sabia que o jantar seria apenas a entrada para algo muito mais saboroso a seguir.

Conversei pouco com o anfitrião, mantendo-me mais passiva, a observar a troca fácil de conversa entre ele e o meu padrinho. Eu limitava-me a absorver a energia do espaço, a tentar adivinhar dinâmicas. A seguir, passámos pela cozinha e ficámos um pouco à conversa nomeadamente com a anfitriã. Ofereci ajuda, mas ela recusou com aquele sorriso tranquilo de quem já domina o caos suave de preparar estas festas. Pelo meio, surgiu um episódio inesperado: uma das raparigas estava doente e o ambiente ganhou um toque de humor quando o meu padrinho, com o maior à-vontade, anunciou que tinha trazido sopa, isto porque não se esqueceu que tinha prometido, durante uma conversa no grupo online, trazê-la para ser comida na manhã após a festa. A revelação foi tão inesperada quanto providencial, e acabou por ser a salvação reconfortante para essa rapariga.

Voltámos depois à sala de convívio, e procurei manter a postura submissa que tinha antecipado para mim: silenciosa, atenta, disponível para aprender. Mas não demorou muito até que me puxassem para a conversa, e que risos e partilhas me dessem permissão para entrar, falar, matar curiosidades. Acabei por me dar a conhecer quase sem querer, deixando que a minha voz se misturasse com as dos outros, enquanto todo o meu ser, quieto por fora, se agitava por dentro para tudo o que se seguiria.